

# PESQUISA COM EDUCADORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE CRIATIVIDADE

MARQUES, M.; SILVA, C. S. da

Centro Universitário Lusíada (UNILUS)

Rua Armando Salles de Oliveira, 150 – 11050-071 – Santos – SP – Brasil

Fone (13) 3235-1311; Fax (13) 3221-4488

mqsmeire@bol.com.br

## Resumo

O presente estudo teve como objetivo identificar a percepção dos educadores no tocante ao significado da criatividade e como esta vem sendo trabalhada no âmbito escolar.

Utilizou-se como metodologia a análise bibliográfica e o levantamento de dados. Os questionários entregues aos professores da Rede Municipal de Guarujá foram a fonte dos resultados obtidos.

**Palavras-chave:** Criatividade. Benefício. Âmbito escolar. Educadores. Crianças.

## Abstract

The present study has the goal to identify the perception of the educators concerning the meaning of the creativity and they have been worked in the school extent.

It was used as methodology the bibliographical analysis and the rising of data. The questionnaires given to the teachers of the Municipal Net of Guarujá were the source of resulted obtained.

**Keywords:** Creativity. Benefits. School extent. Educators. Children.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao desenvolver os estudos no mestrado em Educação, foi se delineando o aprofundamento bibliográfico acerca da idéia do que seria a criatividade. A mestranda se propôs a pesquisar a percepção daqueles professores que têm em mãos um universo de possibilidades de trabalhar a criatividade na educação infantil.

Partindo do pressuposto de que o educador que consegue propor problemas e sabe direcioná-los, estará despertando no educando várias possibilidades de respostas, possivelmente aqueles que desconhecem o repertório que diz respeito à criatividade, terão maior dificuldade para estimular o pensamento divergente requerido neste processo.

Não trataremos neste texto das inúmeras teorias que enfocam a criatividade, e sim de contribuições significativas que estão contidas na pesquisa de campo.

Percebe-se que ao longo dos anos, o atendimento à criança pequena vem decifrando sua finalidade social. A concepção educacional arraigada no assistencialismo relutou e ainda reluta em questões de mudança.

Faz-se necessário assumir as especificidades da educação infantil, conhecendo e revendo as teorias e as relações que envolvem a infância, a sociedade, bem como o papel do Estado neste contexto.

Para se ter uma idéia, só a partir de 1999, os registros de matrículas pré-escolares se regularizaram, movimento este, pós LDB, que destinou legalmente a atenção para a faixa etária que compreende o universo da educação infantil.

No geral, este cenário continua a acompanhar o ensino pré-escolar e a proposta de reflexão está embasada na pesquisa aplicada em educadores do Município de Guarujá, que tiveram a oportunidade de responder o questionário nos meses de março e abril de 2002.

Alguns dos resultados obtidos, podem ser verificados neste artigo e consultados na íntegra na dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Educação pela Fundação Lusíada – Santos.

O que se pretende em realidade é suscitar espaços de discussões e ampliação de conhecimento, jamais esgotando o tema enfocado.

## 2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As treze escolas de educação infantil existentes à época no Município de Guarujá, receberam os questionários da pesquisa. Doze destas, trabalham em três períodos (manhã, intermediário e tarde) e apenas uma possui dois períodos. (manhã e tarde)

Primeiramente realizou-se o perfil do profissional que se dedica à educação infantil e, notadamente são professores com nível universitário

(62,5%) e que se propõem a lecionar em apenas um período. Sua maior concentração está na faixa etária de trinta e um e trinta e cinco anos (33,9%).

Encontramos profissionais interessados em participar de outras oportunidades de cursos de aprimoramento (87,5%), embora 32,1% participe apenas dos dois momentos oferecidos no ano pela Secretaria de Educação.

Quanto à solicitação para definir criatividade, 10,7% das respostas apresentadas foram tabuladas como confusas, por exemplo: “Para o aluno e o professor”, “Explorar bastante a criatividade do aluno”, “Você criar e não copiar” e assim por diante. Abstiveram-se 16,1% e 73,2% respondeu como considerou pertinente.

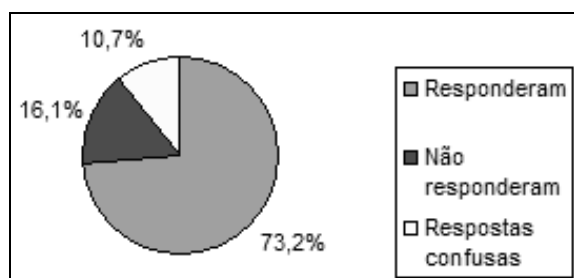


Figura 1 – Considerações sobre criatividade.

O maior índice de respostas (21,9%) sublinhou o fato da espontaneidade: “Forma espontânea de expressar sua imaginação, seus desejos. Criação pessoal, talento, que promove o bem do indivíduo e dos que o cercam”.

Assim como Sinnot (1962), que postula a vida enquanto criativa por si mesma porque ela se auto-organiza, auto-regula e está continuamente originando novidades.

A definição de criatividade que mais se aproximou da esperada foi: “Capacidade de resolver problemas” com 2,4% de respostas. No entanto, Guilford (1972) [1], concebe a criatividade como resolução de problemas, acrescida de respostas diferentes dadas ao mesmo.

Como Torrance (1976) [2], define a criatividade de modo abrangente, não houve resposta que se enquadrasse em sua definição, enquanto processo de tornar-se sensível a falhas na informação, identificar as dificuldades ou elementos faltantes, formular hipóteses, testar, retestar as hipóteses e finalmente comunicar os resultados encontrados.

Entre as outras respostas, observa-se que a influência de idéias “mágicas”, “inatas”, “dom”, ainda estão presentes na concepção de nossos educadores. Faz-se notável conhecer as diferentes teorias que definem criatividade para ampliar o panorama acerca do tema, concebido pelos mesmos.

Em se tratando do modo pelo qual desenvolve a criatividade, a maioria dos profissionais (33,9%) afirmou sua forma de trabalhar, através da apresentação de estímulos visuais e valorização de novas idéias.

Wechsler (1998) [3], salienta que o raciocínio concreto predomina na primeira infância e antecede o pensamento abstrato, tornando-se fundamental trabalhar com a visualização quando se pretende

estimular a produção de novas idéias na faixa etária de quatro e cinco anos, a que está sendo referida.

Portanto os docentes estão trabalhando no caminho certo, de estimular através de figuras, objetos, brinquedos, a criatividade. Porém, aqueles que conseguem trabalhar conteúdos que motivem internamente as crianças ficaram logo a seguir (31,4%) estando nesta opção um dos objetivos para se alcançar um ambiente favorável ao desenvolvimento da criatividade.

Só em se sentindo parte do processo, que o educando produz novas respostas, o papel do professor neste caso, é fundamental para que as crianças encontrem suas próprias respostas, sentindo-se motivadas a realizar com prazer suas tarefas.

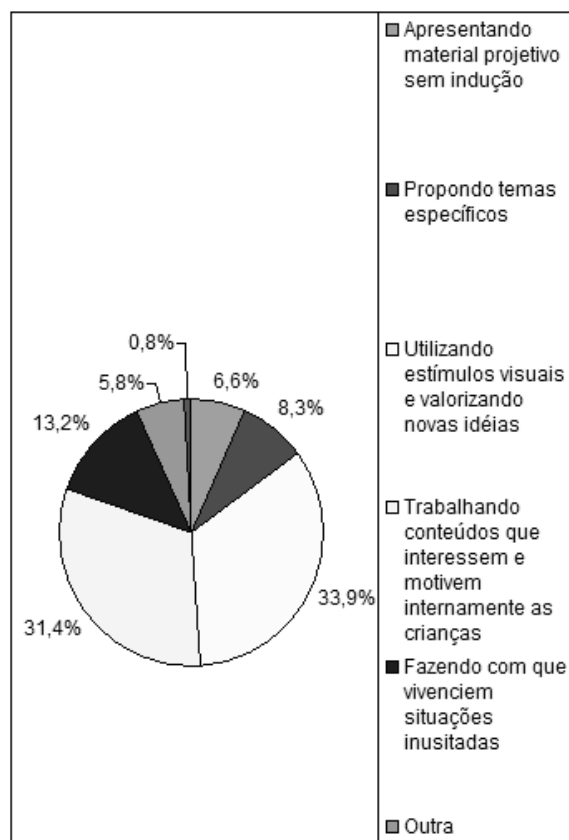


Figura 2 – Como desenvolve a criatividade.

Em suas aulas, 59,8% dos educadores afirmam utilizar estratégias de modo diversificado, o que é indiscutivelmente positivo, porém não sabemos quais são elas e como fazem uso destes recursos.

De acordo com Zapata, Zambrano e Reys (1992) [5], é importante que a escola, aqui representada na figura do professor, não centralize sua ação apenas em transmitir conhecimentos obsoletos, mas utilize metodologias para que o aluno seja autônomo e possa “aprender a aprender”. Também indicam a importância da inclusão no currículo de metodologias de trabalho que fortaleçam o uso do pensamento divergente e a busca ativa de informações, além do melhor aproveitamento de interesses dos educandos.

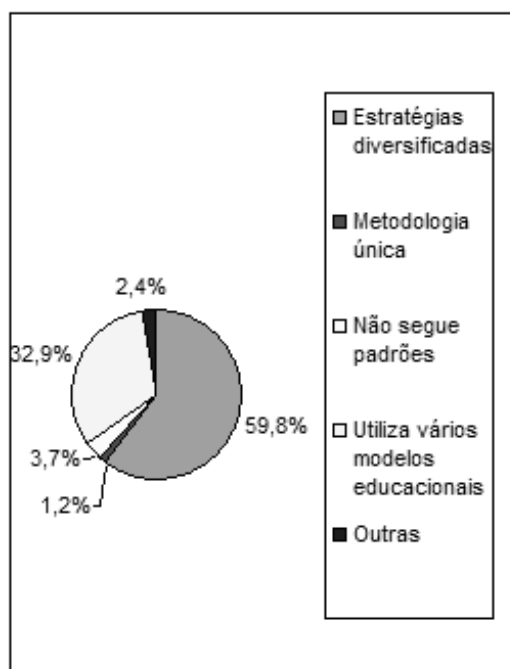


Figura 3 – Meios utilizados nas aulas.

Dentre as características destacadas pelos educadores enquanto desejadas frente aos seus alunos, destacou-se “educado” com 96,4% da preferência, posteriormente surge “gosta de trabalhar em grupo” com 92,9% das escolhas.

Se nos reportarmos ao perfil descrito por Torrance [2], veremos o oposto do esperado nestes itens, pois geralmente o indivíduo criativo desafia regras de cortesia e é indisposto a aceitar alguma coisa pela mera palavra de alguém. Por outro lado, percebe-se a opção por trabalhos individuais como característica da pessoa criativa, ficando com 7,1% das respostas.

Os profissionais esperam encontrar alunos afetuosos, com 87,5%; sinceros e bem humorados, perfazendo ambos, o percentual de 85,7%, nestes aspectos eles entraram em conformidade com os traços do aluno criativo.

Uma grande parcela (87,5%) espera encontrar alunos sociáveis ao invés de quietos, retraídos (10,7%); espontâneos (78,6%) no lugar de exteriormente tímido como caracteriza a pessoa criativa. Outras características que denotam a criatividade e ficaram com baixos índices são: “procura falhas” (8,9%); “perturbador da ordem” (0%); “dominador” (3,6%); “adivinha suas propostas” (19,6%).

A tabela a seguir ilustra os traços referidos e esperados pelos educadores.

Tabela 1 – Traços desejados.

Traços	Respostas	%
Altruísta	15	26,8
Persistente	38	67,9
Curioso	38	67,9
Educado	54	96,4

Apreensivo	0	0,0
Espontâneo	44	78,6
Cortês	36	64,3
Obediente	34	60,7
Dominador	2	3,6
Inseguro	0	0,0
Imaginativo	43	76,8
Medroso	0	0,0
Bem humorado	48	85,7
Soluções simplistas	5	8,9
Propõe idéias	45	80,4
Saudável	47	83,9
Questionador	44	78,6
Quieto	6	10,7
Independente	47	83,9
Conformista	0	0,0
Sociável	49	87,5
Expressa sentimentos	43	76,8
Faz as tarefas a tempo	23	41,1
Perturbador da ordem	0	0,0
Competidor	23	41,1
Afetuosos	49	87,5
Sincero	48	85,7
Procura falhas	5	8,9
Esforçado	47	83,9
Gosta de tarefas difíceis	21	37,5
Dá a resposta que você espera	10	17,9
Adivinha suas propostas	11	19,6
Gosta de trabalhar em grupo	52	92,9
Gosta de trabalhar individualmente	4	7,1

Somente permeando alguns aspectos da pesquisa, podemos perceber que ainda se espera muito do educando. Acontece que para desenvolver a criatividade faz-se necessário respeitar o indivíduo como ele é.

Fica então a questão: Como os professores podem estimular algo que desconhecem?

É evidente que o meio educativo não é o único, mas um dos principais condicionadores da criatividade e, se quisermos resgatar os valores do processo educacional, será preciso que se desenvolva essa mentalidade no interior dos estabelecimentos de ensino. Disso se destaca a necessidade de se refletir sobre a importância do desenvolvimento da capacidade criativa dos professores e alunos, capacitando adequadamente a equipe técnica e dando possibilidades para que se familiarizem com as inúmeras maneiras de trabalhar o pensamento

divergente, já que com a única resposta correta, estamos acostumados a lidar em nosso cotidiano.

Talvez falte aos educadores esclarecimento do quão efetiva torna-se a aprendizagem, se estiver sendo interessante e motivadora.

Vale ressaltar que a criatividade continua sendo estudada e definida de diferentes maneiras, sendo um fenômeno complexo, com inúmeros avanços sobre o conhecimento deste tema, porém ainda é considerado com limitações.

Saber que os professores têm iniciativa para caminhar é reconfortante frente à escassez de recursos, mas o valor da formação deve ser enfatizado para que haja algum resquício de transformação nos âmbitos escolares.

### 3 CONCLUSÃO

Este artigo enfocou a relevância da percepção por parte dos educadores com relação à criatividade, bem como o modo pelo qual, estes acreditam trabalhá-la.

Se existe uma percepção equivocada, torna-se relevante o preparo dos educadores, pois é essencial conhecer as diferentes teorias, para depois se apropriar e só então vislumbrar possibilidades de colocar em prática o processo requerido na criatividade.

Processo este, que inicialmente é pessoal e torna-se vivencial na medida em que o indivíduo sente-se parte do processo e busca maneiras de suscitar no ambiente em que está inserido oportunidades prazerosas e motivadoras de ensino-aprendizagem.

Saber que os fatores de ordem social, econômica, cultural e política são os grandes responsáveis pelo tipo de escola predominante, é fundamental para entendermos que o repertório cultural repleto de contradições, reflete a base escolar que não só conhecemos, mas estamos inseridos e sendo "moldados" desde os velhos tempos.

O que se quer dizer é que somos fruto destas contradições, mas podemos buscar alternativas para que o educando realmente possa ser protagonista de seu processo, para que o educador possa sair do 'falso status' de detentor do saber, para que a escola seja espaço de produção e não reprodução de conhecimento.

Enfim, o que se pretende é ampliar espaços onde a reflexão da práxis docente possa acontecer, amadurecer e tornar-se possibilidade para outrem.

### 4 REFERÊNCIAS

[1]. GUILFORD, J. P. Intellect and the gifted. In: GOWAN, J.; KHATENA, J.; TORRANCE, E. P. Educating the Ablest. New York: Peacock Publishers, 1972.

[2]. TORRANCE, E. P. Criatividade, medidas, testes e avaliações. São Paulo: Ibrasa, 1976.

[3]. WECHSLER, S. M. Criatividade: Descobrendo e encorajando. Campinas: editorial Psy, 1998.

[4] ZAPATA, R.; ZAMBRANO, V.; REYES, M. A. Cultura Organizacional : Creatividad y Educación. In: LOPEZ, R. Lãs Ovejas y el Infinito. Contribuciones al estudio de la creatividad y formulación de propuestas para el sistema educacional. Santiago: EPU,1992.